



Palavras modais no português brasileiro: perspectivas para a categorização e análise pragmática

Modal words in Brazilian Portuguese: perspectives for categorization and pragmatic analysis

Marceli AQUINO*

RESUMO: Este artigo investiga as possibilidades de categorização de partículas modais (PMs) no português brasileiro, tomando como referência os critérios já estabelecidos para as PMs da língua alemã. O estudo parte da constatação de que, enquanto o alemão apresenta uma classe gramatical bem definida de PMs, com propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas específicas, o português carece de uma descrição sistemática que permita diferenciá-las de seus homônimos. A pesquisa tem como foco central o uso da palavra, mas analisada em comparação contrastiva com *aber* (alemão), *pero* (espanhol) e *but* (inglês). A fundamentação teórica combina a Abordagem Minimalista (Diewald, 2013; Aquino, 2023), que define as PMs por sua função comunicativa nuclear e dependência contextual, com a Teoria da Mente (Abraham; Leiss, 2012), que concebe tais elementos como pistas linguísticas para a ativação de representações mentais compartilhadas entre interlocutores. Nesse sentido, as PMs são compreendidas como operadores pragmáticos que modulam a força ilocucionária dos enunciados, sinalizando funções comunicativas específicas. Metodologicamente, emprega-se o Formato Descritivo (Diewald *et al.*, 2017), instrumento que organiza os traços sintáticos, semânticos e pragmáticos de cada elemento, aplicado aqui ao mas brasileiro. Para a análise, foram utilizados exemplos autênticos extraídos de redes sociais e materiais multimodais, que ilustram o funcionamento de mas como PM em contextos interrogativos e declarativos. A análise contrastiva evidenciou que, embora não haja correspondência direta entre os idiomas, há recorrências funcionais que apontam para o papel universal das PMs como mediadoras da interação discursiva. Os resultados mostram que o mas pode operar fora do eixo proposicional, apresentando a função comunicativa de quebra de expectativa, de alinhamento epistêmico e de orientação diretiva. Essa caracterização o diferencia de seu homônimo (conjunção adversativa) e da categoria dos marcadores discursivos, ainda frequentemente confundidos na literatura. Conclui-se que o português brasileiro, embora não possua uma classe gramatical rigidamente codificada de PMs, apresenta elementos que desempenham funções equivalentes, sendo o mas um exemplo paradigmático. O estudo contribui para a descrição pragmática da língua, reforça a pertinência da abordagem contrastiva e abre caminho para a investigação de outras candidatas a PMs no português, além de sugerir implicações didáticas e tipológicas para o ensino de línguas e para os estudos comparados.

PALAVRAS-CHAVE: Categorização das partículas modais. Análise contrastiva. Pragmática da língua alemã e portuguesa.

* Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Docente da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP - Brasil. marceli.c.aquino@usp.br

ABSTRACT: This article investigates the possibilities of categorizing modal particles (MPs) in Brazilian Portuguese, taking as reference the criteria already established for German MPs. The study begins with the observation that, while German presents a well-defined grammatical class of MPs, with specific syntactic, semantic, and pragmatic properties, Portuguese lacks a systematic description that allows them to be distinguished from their homonyms. The research focuses on the use of the word *mas*, analyzed in contrast with *aber* (German), *pero* (Spanish), and *but* (English). The theoretical framework combines the Minimalist Approach (Diewald, 2013; Aquino, 2023), which defines MPs by their nuclear communicative function and contextual dependence, with Theory of Mind (Abraham; Leiss, 2012), which conceives such elements as linguistic cues for the activation of shared mental representations between interlocutors. In this sense, MPs are understood as pragmatic operators that modulate the illocutionary force of utterances, signaling specific communicative functions. Methodologically, the study employs the Descriptive Format (Diewald et al., 2017), a tool that organizes the syntactic, semantic, and pragmatic features of each element, here applied to Brazilian *mas*. For the analysis, authentic examples drawn from social media and multimodal materials were used, illustrating the functioning of *mas* as an MP in interrogative and declarative contexts. The contrastive analysis revealed that, although there is no direct correspondence across languages, functional recurrences indicate the universal role of MPs as mediators of discourse interaction. The results show that *mas* can operate beyond the propositional level, fulfilling the communicative function of signaling expectation violation, epistemic alignment, and directive orientation. This characterization distinguishes it both from its homonym (the adversative conjunction) and from the category of discourse markers, still often conflated in the literature. The study concludes that Brazilian Portuguese, although it does not have a rigidly codified grammatical class of MPs, presents elements that perform equivalent functions, with *mas* as a paradigmatic example. This research contributes to the pragmatic description of the language, reinforces the relevance of contrastive approaches, and opens avenues for investigating other potential MPs in Portuguese, while also suggesting pedagogical and typological implications for language teaching and comparative studies.

KEYWORDS: Categorization of modal particles. Contrastive analysis. Pragmatics of German and Portuguese languages.

Artigo recebido em: 02.09.2024

Artigo aprovado em: 22.07.2025

1 Introdução

A virada pragmática nos anos 1970 provocou uma intensificação de investigação acerca de questões ligadas a aspectos discursivos da linguagem. O estudo das Partículas Modais (doravante PMs) em língua alemã (como *doch*, *ja*, *denn* *halt*, *wohl*) se destacou com os trabalhos de Weydt, iniciados pela organização de eventos, que estimularam a discussão de diferentes perspectivas sobre a definição, delimitação gramatical e ensino destes elementos. Uma das primeiras publicações a propor uma

investigação sistemática das PMs foi *Kleine Deutsche Partikellehre* de Weydt *et al.* (1983), que, a partir dos resultados de testes com falantes nativas utilizando enunciados com e sem PMs, demonstrou a importância destes elementos para a comunicação e para as relações interpessoais. Outra pesquisa que contribuiu profundamente para os estudos sobre as PMs foi *Lexikon deutscher Partikeln*, de Helbig (1990). Até o início dos anos 1990 não havia uma definição unificada das PMs nos dicionários e gramáticas de língua alemã, assim, Helbig procura estabelecer critérios sintáticos, semânticos e pragmáticos, concluindo que as estas palavras não possuem um sentido um único, pois sua função encontra-se no nível comunicativo, expressando a atitude da falante¹ a respeito do enunciado. Atualmente as PMs alemãs são definidas como uma classe de palavras independente dos seus homônimos de que foram derivadas e são discutidas nas principais gramáticas do idioma. Ainda existem diversas lacunas de pesquisa sobre o tema, por exemplo com relação a sua acentuação, o número real de PMs (a depender do processo de gramaticalização) e, especialmente, no tocante às formas de ensino e aprendizagem.

As PMs são conhecidas por operar acima do nível proposicional, ou seja, elas têm a capacidade de organizar o discurso transmitindo informações sobre a característica epistêmica das participantes do discurso (Schenner; Sode, 2014). Assim, tais palavras representam meios retóricos da linguagem (formal e informal) para comunicar uma mensagem eficiente e concreta entre as envolvidas no processo interpretativo. Portanto, as PMs se destacam por serem elementos complexos com um status ilocutório único, com um grande impacto para a comunicação (Abraham; Leiss, 2012). No campo da modalidade pragmática, as PMs se destacam por expressar atitudes e opiniões da falante e por regular a interação comunicativa (Palmer, 1986; Aquino, 2020). Já para a Teoria da Mente, estes elementos modais são considerados como ferramentas para negociação dos significados e identificação das inferências, que

¹ Para referências genéricas, usamos o artigo feminino, que engloba aqui também outros gêneros, ou seja, pessoas que estudam, pessoas que ministram aulas.

só podem ser alcançadas através de um processo de deslocamento duplo entre as interlocutoras.

A língua alemã codifica uma classe definida de PMs, caracterizada por propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas bem delimitadas, como sua posição no *Mittelfeld* da oração, sua função ilocutória específica e a dependência contextual para o significado (Hentschel; Weydt, 2013; Duden, 2016). Em contraste, em línguas como o inglês, dispositivos modais como advérbios, conjunções ou entonação frequentemente desempenham funções semelhantes às PMs, mas não constituem uma classe gramatical independente com critérios formais definidos (Diewald, 2013). Waltereit (2001) argumenta que o inglês não possui uma classe de PMs bem definida como o alemão, pois as expressões modais nessa língua geralmente são mais dependentes de recursos lexicais multifuncionais e da prosódia para sinalizar nuances modais. Por exemplo, partículas como *just* ou *then* podem desempenhar funções pragmáticas, mas sua categorização varia dependendo do contexto, tornando-as mais flexíveis do que as PMs alemãs. Além disso, o inglês apresenta uma maior sobreposição entre marcadores discursivos e dispositivos modais (Haselow, 2011), dificultando a definição de uma classe isolada e coesa.

Essas diferenças refletem variações tipológicas nas estratégias de codificação modal entre línguas germânicas, evidenciando que, enquanto o alemão desenvolveu um sistema gramaticalizado de PMs, outras línguas frequentemente dependem de combinações mais flexíveis de recursos lexicais, prosódicos e contextuais para realizar funções modais (Diewald *et al.*, 2017).

No entanto, apesar dessas diferenças na categorização gramatical, há evidências de que outros idiomas, incluindo o português (brasileiro e europeu), apresentam dispositivos linguísticos que desempenham funções pragmáticas e comunicativas similares às das PMs alemãs (Welker, 1990; Franco, 1991; Johnen, 1997; Waltereit, 2001; Waltereit; Detges, 2007; Halelow, 2011; Cuenca 2013; Schoonjans, 2018; Diewald *et al.*, 2017; Aquino; Arantes, 2022; Aquino, 2023b). Nesse contexto, este estudo propõe uma

categorização do uso modal de “mas” no português brasileiro, a partir de uma análise contrastiva com “aber” no alemão, “pero” no espanhol e “but” no inglês.

Para realizar a categorização de **mas** como PM na língua portuguesa nos baseamos na Abordagem Minimalista (Diewald, 2013; Aquino, 2023a), que compreende o significado destes elementos modais a partir da análise do contexto pragmático e da sua função comunicativa nuclear assim como, da categorização do Formato Descritivo adaptado de Diewald *et al.* (2017), que tem o objetivo de designar as características formais e funcionais relevantes das PMs. Já os postulados da Teoria da Mente (Abraham; Leiss, 2012), auxiliam na compreensão do processo inferencial envolvidos no reconhecimento dos pressupostos pragmáticos vinculados pelas PMs. Além disso, defendemos que o estudo das PMs em língua portuguesa pode se beneficiar significativamente de uma abordagem contrastiva com idiomas que apresentam um sistema de modulação pragmática bem definido como é o caso do alemão.

Por meio de uma perspectiva contrastiva no par linguístico alemão/português, assim como uma análise comparativa com ocorrências modais equivalentes em espanhol e inglês, buscamos estabelecer critérios semânticos sintáticos e pragmáticos para a categorização de elementos com função comunicativa única na língua portuguesa. Para a análise de dados utilizaremos exemplos autênticos de uso da PM **mas** a partir de textos retirados das redes sociais, que fazem parte do nosso corpus de pesquisa. As discussões e os resultados deste artigo permitem um entendimento mais aprofundado da evolução das estratégias linguísticas e do papel das PMs em português e em outros idiomas.

Nas próximas seções apresentamos uma discussão teórica acerca dos aspectos pragmáticos, modais e comunicativos das PMs. Em seguida damos atenção à descrição das características delimitadoras destas palavras, especialmente em comparação com os seus homônimos não modais e à classe de palavras dos marcadores do discurso. A partir da base teórica, realizaremos uma análise de **mas** a partir da relação contrastiva

e do Formato Descritivo adaptado. Nas conclusões apresentamos as reflexões finais deste trabalho, assim como algumas perspectivas futuras.

2 Pragmática, Modalidade e Partículas Modais

Para estabelecer os parâmetros de comparação entre as PMs do português brasileiro e outros idiomas, este estudo adota uma abordagem fundamentada em critérios semânticos e pragmáticos. Os critérios semânticos incluem aspectos como escopo e relação com a oração, analisando como as partículas modais se posicionam no enunciado e afetam seu significado proposicional. Já os critérios pragmáticos se concentram na função ilocutória, implicaturas contextuais e no papel dessas partículas na negociação de significados entre os interlocutores. Essa abordagem visa evitar a simples transposição de análises realizadas no alemão para o português, buscando, ao invés disso, identificar traços únicos e recorrentes das partículas modais no português. Para tanto, foram considerados corpora autênticos de uso da linguagem em ambos os idiomas, permitindo verificar como as PMs se manifestam em diferentes contextos comunicativos e culturais.

Esses critérios dialogam diretamente com os fundamentos da pragmática, que oferece o arcabouço teórico necessário para compreender como as intenções comunicativas e as funções discursivas se manifestam no uso das partículas modais.

A pragmática pode ser definida como o estudo dos atos linguísticos e dos contextos em que são realizados, sendo uma abordagem linguística que leva em conta toda a complexidade do funcionamento cognitivo, social e cultural na vida dos seres humanos (Verschueren, 1995). Para a compreensão do significado dentro da pragmática é essencial reconhecer que as intenções comunicativas ocorrem dentro de uma dada situação discursiva, que vai muito além do que é concretamente expresso. Tendo em vista que as declarações raramente ocorrem de maneira isolada na comunicação, a pragmática engloba também aspectos complexos da interação, como a

organização social, a negociação dos ambientes cognitivos² entre interlocutores e as metarepresentações³. Logo, concordamos com Levinson (1983) quando ele define pragmática como estudo de diferentes padrões da linguagem em uso, que vão além do contexto semântico, incluindo uma matriz de conhecimentos, comportamentos, habilidades e formas de interação. Consideramos, portanto, que a pragmática se ocupa em compreender e descrever o processamento e produção dos significados a partir do estudo da situação e da intenção comunicativa (verbal e não verbal) e do seu papel de criar, modificar e agir no discurso.

Com a teoria dos Atos de Fala, encabeçada por Austin no livro *How to do Things with Words* (1962), inicia-se uma nova forma de pensar e classificar a linguagem, que vai de encontro com o positivismo lógico que determinava o valor da sentença pelos conceitos de verdade ou falsidade. Para Austin algumas asserções não podem ser submetidas a tal critério vero-condicional, mas às condições de felicidade, ou seja, ao fato delas serem apropriadas ou não a um dado contexto (Austin, 1962). O filósofo demonstrou nos seus estudos que certas sentenças não são usadas na comunicação somente para descrever estados de coisas (dizer algo), mas sim para realizar uma ação e indicar uma intenção, isto é, por meio de declarações performativas. Tais declarações podem ser divididas em intenção comunicativa (ato ilocucionário) e o resultado alcançado por este ato (ato perlocucionário). Para Searle (1969) o ato ilocucionário encontra-se no centro de interesse da pragmática, pois o significado de um enunciado acontece a partir da sua função comunicativa.

Os postulados da teoria dos Atos de Fala evidenciam, assim, a influência do contexto comunicativo e da relação entre interlocutoras para a compreensão e uso de

² Sperber e Wilson (2005) definem contexto como o um construto psicológico, isto é, um subconjunto das suposições da ouvinte acerca do mundo, que são utilizadas para a interpretação de enunciados. O conjunto de suposições do processo interpretativo constitui o ambiente cognitivo.

³ O conceito de metarepresentação, indica que a falante precisa representar não apenas os seus estados mentais sobre o mundo, mas também ser capaz de acessar como a sua interlocutora representa estes estados de coisas em sua mente, metarepresentando, assim, as informações dos ambientes cognitivos (Gutt, 2005).

determinadas expressões. A modalidade linguística apresenta uma perspectiva correlata, no sentido que analisa os enunciados levando em consideração as circunstâncias de sua produção (Aquino, 2017). De acordo com Palmer (1986), a modalidade pode ser definida como a gramaticalização das atitudes e opiniões da falante, ou seja, ela tem o papel de regular a interação comunicativa, determinando o tipo de ato de fala realizado. Do Nascimento (1980) classifica a modalidade em explícita ou implícita, podendo ser expressa mediante auxiliares e verbos modais (poder, dever, querer), advérbios (talvez, possivelmente) e outros identificadores, como marcadores discursivos e partículas modais. Logo, a modalidade não declara fatos do mundo real, mas vincula declarações que contêm comparações de diferentes cenários ou possibilidades e pode, dessa forma, atuar como modificador do sentido comunicativo de uma proposição.

Ao utilizar uma forma de modalidade, como as PMs, a falante seleciona meios linguísticos para indicar o seu engajamento com o que é expressado, qualificando o seu comprometimento sobre a proposição. Para Abraham e Leiss (2012) a modalidade pode ser caracterizada como a função mais complexa das categorias linguísticas, pois a sua compreensão depende do conhecimento das estruturas do idioma, da relação de significados, assim com das implicaturas, isto é, das suposições inferidas a partir de inferências e deduções de um dado enunciado. Ainda, segundo os autores, a modalidade atua como um meio linguístico para auxiliar na negociação de uma representação mental, na qual a falante enfrenta o desafio de encontrar as informações mutuamente manifestadas e convida a interlocutora a compartilhar um conhecimento. As PMs e outros elementos modalizadores assumem, assim, a tarefa de sinalizar as informações relevantes a serem processadas, indicando intenções e expectativas das interlocutoras (por meio das representações mentais dos ambientes cognitivos) para guiar a troca comunicativa.

Por adicionar uma força ilocucionária às proposições, as PMs são elementos que indicam um pressuposto pragmático, representando uma inferência lógica do

enunciado explicitamente expreso (Diewald *et al.*, 2017). Se utilizadas e compreendidas adequadamente, elas direcionam a negociação de significado entre as interlocutoras (Aquino, 2017). Segundo Abraham e Leiss (2012), na perspectiva da Teoria da Mente (ToM), a habilidade de identificar e negociar pressupostos pragmáticos entre ambientes cognitivos é denominada deslocamento duplo. Este deslocamento implica que o falante considera a representação mental do ouvinte ao enunciar, ativando uma cadeia inferencial complexa com base em crenças partilhadas ou atribuídas. Conforme Aquino (2017), este mecanismo permite que as PMs funcionem como operadores pragmáticos de metarepresentação, orientando o interlocutor para os sentidos contextualmente relevantes. Assim, defendemos que os postulados da ToM podem auxiliar a compreensão dos processamentos inferenciais envolvidos no uso das PMs, no sentido que propõe uma configuração da relação complexa de metarepresentação entre interlocutoras.

Aquino (2017) argumenta que as PMs fornecem pistas contextuais para interpretação do enunciado e sinalizam às interlocutoras a necessidade de acessarem informações compartilhadas no ambiente cognitivo para negociar os sentidos. Assim, estes elementos modais auxiliam a interpretar estímulos para reconstruir e identificar os significados em uma determinada situação comunicativa. Ao escolher uma PM, em um determinado enunciado, as participantes são divididas ou deslocadas para representar não apenas os seus conhecimentos e propósitos comunicativos, mas também a das suas interlocutoras. Além do processo cognitivo-inferencial, o uso e compreensão das PMs depende da sua análise no contexto, já que são elementos desenvolvidos diacronicamente, derivados através da perda de complexidade semântica, mas ganho complexidade pragmática (Abraham, 1991).

De acordo com a abordagem minimalista, o significado de cada PM só pode ser acessado por parâmetros semântico-lexicais a partir de um contexto recuperável (Abraham; Leiss, 2012; Weydt 1983; Hentschel; Weydt, 2013; Schoonjans 2018; Aquino, 2020). Ao contrário da perspectiva maximalista, o método minimalista não descreve o

significado das PMs a partir de uma lista semifixa de definições, mas estabelece a sua função comunicativa nuclear-central e o significado é recuperado pela análise do contexto. Nesse sentido, a abordagem minimalista considera que cada PM tem uma função comunicativa específica que é sempre recorrente nos seus usos, por exemplo, *doch* expressa uma contradição, *ja* indica um conhecimento comum e *denn* interroga sobre uma informação do contexto imediato, sendo que o significado é alcançado pela relação entre a função e o contexto, por exemplo, ironia, gentileza, surpresa, felicidade, tristeza (Krešić; Batinić, 2014; Aquino, 2023a). Nesse artigo partimos da premissa que a abordagem minimalista é pertinente para a análise contrastiva no par linguístico alemão/português e, conseqüentemente, para estabelecer parâmetros para a categorização de palavras modais da língua portuguesa, pois auxilia a padronizar a sua força ilocucionária por meio da sua função comunicativa.

Na próxima seção apresentamos a descrição das regras sintáticas, semânticas e pragmáticas das PM alemãs, assim como as características que as distinguem de seus homônimos não modais e da classe de palavras dos marcadores discursivos. Por meio de uma perspectiva contrastiva, esta análise servirá como base para que seja possível determinar parâmetros para a categorização dos usos modais na língua portuguesa.

3 Partículas Modais, Homônimos e Marcadores do Discurso

As PMs são elementos pragmático-discursivos fundamentais para a interação e coesão interpessoal (apontam o tipo de ato social realizado), já que funcionam como ferramentas para compartilhar e negociar sentidos inferenciais. De acordo com Aquino (2020), as palavras dessa classe de palavras apresentam as seguintes propriedades:

- não flexionáveis;
- não podem ser negadas (*kein, nein*) ou intensificadas (*mehr, viel*);
- não formam orações sozinhas e não respondem perguntas (sim e não);
- podem ser retiradas da oração sem prejuízo gramatical, mas perda de sentido pragmático;

- estão sintaticamente posicionadas no campo central (*Mittelfeld*), entre o rema e o tema da oração;
- apresentam escopo na frase toda (relacionam toda a oração ao contexto comunicativo e não a elementos específicos da frase);
- ocorrem em tipos específicos de orações (por exemplo a PM *denn* em perguntas e a PM *doch* em frases exclamativas e imperativas);
- são combináveis com outras PMs (*doch mal; eigentlich nur*);
- possuem homônimos não modais em outras classes de palavras (como conjunções e advérbios);
- têm significado inferencial, isto é, dependente do contexto;
- apresentam uma função comunicativa nuclear única (abordagem minimalista).

Como discutido na seção anterior, a complexidade do uso e compreensão das PMs advém de diversos determinantes, como a sua dependência contextual, o significado atrelado a inferências, a negociação do ambiente cognitivo entre interlocutoras, entre outros. Além disso, por serem elementos resultantes de um processo diacrônico de gramaticalização e derivados de outras classes de palavras, as PMs apresentam homônimos não modais, sendo os mais comuns os advérbios (*schon, auch*), conjunções (*aber, doch*), marcadores do discurso (*ja, doch*), adjetivos (*eben, bloß*) e verbos (*halt*). Mesmo compartilhando alguns traços semânticos, no decorrer da sua transição, as PMs alcançaram características sintáticas e pragmáticas que as distinguem dos lexemas do qual resultam, estabelecendo a sua própria classe de palavras (Duden, 2016; Hentschel; Weydt, 2013).

Segundo Abraham (1991), para identificar estas palavras com função modal é necessário um processo de reconstrução, que deve contar com uma leitura referencial do elemento lexical homônimo, levando em conta o seu uso no contexto. Logo, para a diferenciação das PMs e seus homônimos não modais é prudente realizar um teste de

justaposição das funções, significados e colocações na oração. Essa relação oferece uma metodologia bastante relevante para a compreensão, ensino e tradução destas palavras. Hentschel e Weydt (2013) introduzem uma análise comparativa entre a PM e a conjunção *aber*, na qual identificam que a conjunção tem a função de ligar dois elementos *x* e *y*, de *x* pode variar uma sequência *z* que não é verdade, sendo que as PMs, além de não apresentarem tal função conectora entre elementos linguísticos, se posiciona no campo central, tem função pragmática específica e seu significado depende do contexto. Os exemplos a seguir permitem a análise dessa relação em alemão e português:

- (a) Ellen ist klein, *aber* stark (Hentschel; Weydt 2013)
- (b) Ellen é pequena, *mas* forte (Aquino, 2020)
- (c) Ihr seid *aber* groß geworden! (Hentschel; Weydt 2013)
- (d) *Mas* como vocês cresceram! (Aquino, 2020)

Nos dois primeiros exemplos (a), (b) *aber* e **mas** representam conjunções que, geralmente separadas por vírgula, tem a função de indicar como contraste ou oposição entre duas (ou mais) informações no nível da oração, neste caso entre **pequena** e **forte** (Aquino, 2020). Nos exemplos seguintes, (c), (d) *aber* e **mas** podem ser identificadas como PMs por ter escopo na frase toda, ligando o seu conteúdo ao contexto comunicativo e, podendo ser retiradas sem prejuízo sintático. Apesar de posições diferentes (no alemão a PM se encontra no campo central e em português no início da frase) essas palavras não são separadas por vírgula e possuem um significado contextual. Ao contrário do seu homônimo, as PMs apresentam uma relação de sentido mais complexa que vai além do conteúdo frasal. A PM *aber* e **mas** têm a função de indicar uma quebra de expectativa com relação à quantidade ou qualidade de algo, neste exemplo marcam a admiração da falante com relação ao tamanho de suas interlocutoras.

Outra distinção importante no campo de estudos das PMs, especialmente no que concerne à discussão acerca da elaboração de uma classificação de palavras modais no português, é a relação entre a classe de palavras de PMs e de marcadores do discurso. Grandes avanços foram alcançados nas investigações e descrição linguística das PMs de língua alemã, no entanto, em português e em muitos outros idiomas o termo e sua classe de palavras ainda parecem ser utilizados de forma ambígua na literatura, muitas vezes enviesado com a categoria dos marcadores do discurso. Muitos desses trabalhos citam pesquisas em língua alemã, mas não apresentam uma clara distinção entre marcadores e as PMs.

Os marcadores do discurso (MDs) constituem uma categoria funcional complexa e multifacetada, composta por expressões linguisticamente variadas que operam na gestão da coerência discursiva, no alinhamento intersubjetivo e na organização da interação. Conforme argumentam Degand *et al.* (2013), os MDs são “elementos indexicais” que relacionam segmentos discursivos, estruturam o diálogo e contribuem para o processamento cognitivo do discurso, muitas vezes sem alterar o conteúdo proposicional da oração. Já Traugott (2022) propõe o conceito de *discourse structuring markers*, ressaltando que tais expressões funcionam como instruções pragmáticas que guiam a interpretação da fala em níveis textuais e interacionais.

A delimitação entre MDs e PMs, contudo, é permeável. Ambas compartilham funções interpessoais e metadiscursivas, e a distinção entre elas pode variar conforme critérios formais (posição sintática, prosódia) ou funcionais (atitude epistêmica, estruturação textual)⁴. Como mostram Traugott (2022) e Cuenca (2013), há marcadores que operam simultaneamente como PMs e MDs, indicando que tais categorias devem ser concebidas como pontos em um contínuo, e não como classes rígidas.

⁴ Embora a presente análise se baseie em dados escritos, o papel da prosódia pode ser determinante para o reconhecimento do valor modal de **mas** como PM. Entonações marcadas, pausas ou alterações rítmicas contribuem para destacar sua atuação fora do plano meramente conectivo.

Apesar dessa sobreposição funcional, as PMs se distinguem por sua atuação específica no plano ilocutório da enunciação. Mais do que organizar turnos ou articular segmentos discursivos, elas operam como modificadores da força do ato de fala. Segundo Cuenca (2013), as PMs são operadores de posição, modificando o ato ilocutório de um enunciado, ou seja, a ação que a falante realiza ao produzir uma declaração — ordenar, avisar, criticar, perguntar, convidar, ameaçar etc. Logo, embora as PMs possam, em certos contextos, participar da organização discursiva, seu núcleo funcional está na sinalização de atitude epistêmica e na orientação da interpretação da fala.

Nesse sentido, expressões como **né, há, tá bom, viu, sô, uai** (Figueiredo, 2015), que frequentemente ocorrem na fala coloquial brasileira e que contribuem para a coesão interacional, devem ser interpretadas como marcadores discursivos e não como partículas modais, uma vez que não operam diretamente sobre o ato ilocutório nem expressam função modal sistemática.

Tanto marcadores, como as PMs representam ferramentas linguísticas que apoiam a comunicação, mas cumprem funções e propriedades diferentes. Diferentemente dos marcadores discursivos, as PMs “(...) acrescem uma mensagem ao conteúdo proposicional da sentença em que se situam e não necessariamente sinalizam para uma relação entre dois segmentos discursivos diferentes” (Da Silva Fortes 2008, p. 69). Com elas, a falante acentua a intenção contida e seu enunciado, estabelece estratégias, implica explicação, justificação e repreensão (Stolt, 1979). Nesse sentido, consideramos que as PMs são elementos linguísticos de funções pertencentes aos domínios da coesão interpessoal por gerar implicaturas fortes para a negociação de significados em um determinado contexto (Aquino, 2017). Nos termos relevantistas (Sperber; Wilson 2005), elas são consideradas como procedurais, ou seja, itens que colocam restrições na interpretação do enunciado a serem processadas, a fim de construir uma representação mental coerente do discurso.

Tendo em vista os pressupostos teóricos e discussões apresentadas anteriormente, introduzimos na próxima seção uma análise de **mas** como candidata à categorização de PMs em língua portuguesa, especificamente no contexto brasileiro. Para tanto, além da base contrastiva com a língua alemã, apresentamos exemplos de ocorrência em espanhol e inglês para articular uma comparação entre os quatro idiomas para estabelecer descritores relevantes para a língua portuguesa. A categorização final será preconizada através do Formato Descritivo adaptado de Diewald *et al.* (2017), com as características formais e funcionais relevantes da PM **mas**.

4 Análise do uso modal de mas e sua categorização como PM

As Partículas Modais (PMs) são tradicionalmente descritas, especialmente na gramática do alemão, como elementos que não alteram o conteúdo proposicional da sentença, mas influenciam a força ilocutória, o alinhamento intersubjetivo e a orientação epistêmica dos interlocutores. No português brasileiro, embora não haja uma classe gramatical rigidamente estabelecida para as PMs, identificamos ocorrências funcionais equivalentes, como em certos usos de **mas**. A categorização como PM se justifica quando a palavra atua fora do eixo proposicional, operando sobre os atos de fala e inferências contextuais.

Para embasar essa proposta no plano contrastivo, retomamos o funcionamento da PM *aber* no alemão, que marca uma relação adversativa entre o pretexto pragmático e a situação comunicativa, relação esta que ocorre no nível proposicional (Diewald, 2013). Weydt (2010) e Aquino (2020) argumentam que *aber* expressa uma quebra de expectativa em relação à extensão dos fatos descritos, com um valor qualificador — ou seja, a adversidade se encontra na quantidade ou qualidade de um estado de coisas. Nesse sentido, *aber* atua como indicador de contraste entre o contexto e o ambiente cognitivo da falante, sinalizando um desvio em relação à expectativa discursiva.

No caso do português, estudos como Welker (1990), Franco (1991) e Aquino e Arantes (2020) apontam que **mas** pode assumir função pragmática, distinta de seu uso

tradicional como conjunção adversativa. Essa distinção fundamenta a análise da palavra como potencial PM em determinados contextos comunicativos. A seguir, apresentamos exemplos comparativos envolvendo os usos de *aber*, **mas**, *pero* e *but*, tanto em sua função de conjunção quanto como possíveis partículas modais:

(1) Alemão: Ellen ist klein, *aber* stark (Hentschel; Weydt, 2013)

Português: Ellen é pequena, **mas** forte (Aquino; Arantes, 2020)

Espanhol: Ellen es pequeña *pero* fuerte.

Inglês: Ellen is small, **but** stark.

(2) Alemão: Ihr seid *aber* groß geworden! (Hentschel; Weydt, 2013)

Português: **Mas** como vocês cresceram! (Aquino; Arantes, 2020)

Espanhol: ¡*Pero* cómo han crecido!

Inglês: **But** you are all grown up!

Por meio da relação entre conjunção e PM destaca-se algumas divergências formais e comunicativas. No nível sintático, nota-se que nos três idiomas a conjunção (1) é posicionada entre dois elementos linguísticos ou orações, estabelecendo uma relação de sentido entre informações a nível da frase. Além disso, com exceção do espanhol, a conjunção é separada por vírgula. Se retiradas da oração, a ausência da conjunção prejudica a estrutura da oração, assim como a sua compreensão. Já no caso do segundo grupo de exemplos (2), além de estarem situadas em outras posições na oração (no alemão no campo médio e nos outros idiomas no início da sentença), em nenhum caso são separadas por vírgula e podem ser retiradas da oração sem impacto sintático, mas com perda de sentido pragmático. Além disso, a sua função não é mais a de ligar ou contrastar informações no nível da oração, mas têm escopo em toda a frase, estabelecendo uma relação com o contexto comunicativo. Assim, ao contrário

das conjunções, para as PMs as informações da situação comunicativa são essenciais para as inferências do seu significado.

De acordo com Aquino e Arantes (2020), **mas** com função modal pode ocorrer em atos de fala diretivos, tanto em sentenças interrogativas quanto declarativas. Em estruturas interrogativas como “Mas o que é isso?”, o marcador introduz uma quebra de expectativa com efeito de repreensão ou cobrança. Já em sentenças declarativas como “Mas isso tem que acabar hoje”, **mas** reforça a força ilocutória da fala, contribuindo para que ela funcione como um pedido, ordem ou advertência — ou seja, como um ato diretivo, embora formalmente afirmativo. Por outro lado, há contextos em que **mas** expressa avaliação ou surpresa diante de uma suposição compartilhada, sem implicar ação esperada do interlocutor. Em “Mas vocês cresceram muito!”, por exemplo, a partícula introduz uma inferência entendida como comum ao falante e ao ouvinte — “vocês cresceram mais do que o esperado” — sinalizando um alinhamento intersubjetivo, mas não um comando. O conteúdo adversativo de **mas** é implícito e modula o valor epistêmico ou avaliativo do enunciado, configurando um uso modal que não é diretivo.

Mesmo com base na função comunicativa de adversidade e/ou quebra de expectativa, o conhecimento do contexto é fundamental para a interpretação do significado da PM. No exemplo anterior (2), o contexto poderia ser descrito da seguinte maneira: a falante ficou muito tempo sem encontrar seus primos crianças ou adolescentes, no reencontro a altura deles chama a atenção, causando na falante uma quebra de expectativa com relação a extensão dos fatos, ou seja, espera-se que depois de um tempo seus primos tenham crescido, mas não tanto ou não tão rápido. Assim, a PM é utilizada para indicar a posição da falante: eu digo isso para mostrar que estou surpresa com a extensão dos fatos expressos nesta situação. Certamente outras características comunicativas, como os gestos e entonação são de grande valia para transmitir o certo significado, mas no presente estudo focamos nas ferramentas linguísticas para alcançar objetivos discursivos específicos.

Essa função pragmática pode ser aprofundada à luz da Teoria da Mente (ToM), conforme proposta por Abraham e Leiss (2012), na qual as PMs são compreendidas como ferramentas metacognitivas para a gestão dos ambientes cognitivos entre interlocutores. Segundo a ToM, o uso de PMs envolve um processo de deslocamento duplo, ou seja, a falante não apenas expressa sua própria perspectiva, mas também representa mentalmente a perspectiva do interlocutor e negocia com ela. No caso de **mas**, a quebra de expectativa opera como um marcador de que a falante supõe que o interlocutor compartilha de um mesmo background inferencial (ex.: “você cresceram mais do que o esperado”), reforçando a intersubjetividade no ato comunicativo. Essa operação de metarepresentação é central na ToM e permite que PMs, como **mas**, funcionem como pistas cognitivas que ativam inferências implícitas. Como demonstrado por Aquino (2017), esse tipo de marcação discursiva é processado com um esforço cognitivo específico e contribui decisivamente para a construção de alinhamento pragmático entre participantes.

Na área da língua espanhola, Gili Gaya (2002) argumenta que *pero* pode introduzir uma forma de construção distinta daquela observada em seu uso tradicional como conectivo adversativo, apresentando uma nova dependência pragmática, como no exemplo: *¿Pero cómo lo has sabido?* (Mas como você soube?). Assim como ocorre no português, as gramáticas do espanhol tendem a tratar tais ocorrências como pertencentes a uma única classe de palavras, geralmente rotuladas como conjunções adversativas, sem explicitar as diferenças de escopo funcional ou as implicações ilocutórias dessas construções. No entanto, estudos como o de Hengeveld e Mackenzie (2008) sugerem que orações introduzidas por *pero* podem constituir estratégias discursivas de concessão interpessoal, atuando no plano da interação entre falantes. Isso indica que *pero*, em certos contextos, deixa de operar apenas como um conector entre proposições para assumir uma função pragmática mais ampla, interferindo na gestão do turno, na força do ato de fala ou na orientação atitudinal do enunciado. A diferenciação entre esses usos é, portanto, essencial para uma análise

mais precisa de suas funções no discurso.

Para Waltereit (2001), os idiomas românicos possuem uma classe de palavras de PMs que, mesmo em menor quantidade de ocorrência em comparação ao alemão, são igualmente relevantes, pois também apresentam meios para expressar atos de fala com despesa linguística mínima. Waltereit (2001) apresenta ainda o caso da PM *but* em inglês, que, segundo ele, marca que alguma situação comunicativa (*state of affairs*) apresenta-se como contrária às suposições implícitas contextualizadas. Não obstante, ele indica a PM alemã *ja* como contraparte de *but* modal, pois ambas são utilizadas em asserções para sinalizar que a falante presume que uma forte evidência do conteúdo proposicional do enunciado está disponível. Destacamos a relevância desta análise contrastiva de Waltereit, pois concordamos que não existe uma contraparte direta entre os idiomas, mas que a sua relação depende diretamente da função nuclear e da interpretação do seu significado no contexto.

Tendo em vista a importância do uso contextualizado, analisaremos a seguir a ocorrência da PM **mas** em três textos autênticos retirados das redes sociais, especificamente do Instagram.

Imagem 1 – exemplo de uso de PM *mas* em comentário no Instagram.



Fonte: Instagram, Hugo Gloss.

No primeiro exemplo temos o comentário de uma seguidora do perfil do Instagram Hugo Gloss à postagem (na imagem e legenda) sobre o rumor de que o ator Leonardo DiCaprio estaria namorando com a modelo Gigi Hadid. A partir das informações contextuais, que se referem a um conhecimento sobre o mundo das celebridades, isto é, que o ator é conhecido por não se relacionar com mulheres com idade acima de 25 anos, compreendemos o significado de **mas**, ou seja, uma surpresa ou ironia. Tal significado também remete à função comunicativa de **mas** modal, ou seja, de marcar uma adversidade relacionada ao desvio de uma expectativa com relação à quantidade (idade, a modelo tem 27 anos) e/ou qualidade (veracidade da notícia) da informação.

No exemplo a seguir encontramos uma tirinha em que a personagem (com uma fantasia de carnaval cheia de penas) diz que a sua roupa representa a diversidade e preservação da natureza. No segundo quadro, um grupo de aves sem nenhuma pena, visivelmente bravas e tristes, utilizam a PM **mas** para indicar a sua indignação com relação a referida situação. Novamente nota-se que a função comunicativa da PM **mas** é a de indicar uma contradição e quebra de expectativa com relação a extensão dos fatos, neste exemplo o absurdo da fala da personagem relacionada a sua ação que é altamente prejudicial aos mesmos seres que diz defender. Nesse sentido, a análise no contexto sugere um significado de demonstração de irritação e discordância.

Imagem 2 – exemplo de uso de PM **mas** em um quadrinho.



Fonte: autoria desconhecida.

Por fim, no último exemplo, encontra-se a imagem de um meme que representa a circunstância em que uma pessoa (no caso um gato) acorda incomodada quando alguém muda o canal, tira o filme. Para essa situação, a interlocutora utiliza a PM **mas** para introduzir uma objeção ou contraposição implícita à situação comunicativa: ela expressa indignação diante da expectativa de que não se mude o canal, embora a outra pessoa esteja dormindo, e não assistindo ao filme. Essa interpretação pressupõe um turno anterior omitido, típico do gênero meme, como “não desliga a TV”, ao qual o enunciado “Mas você nem tá assistindo!” responde indiretamente. Assim, o uso de **mas** aqui pode ser compreendido como marcador de quebra de expectativa, orientado pela força diretiva implícita de um ato anterior. O enunciado também carrega uma carga afetiva de surpresa e objeção, revelando o valor modal da partícula e seu papel na gestão da interação e das suposições compartilhadas. Esse tipo de operação discursiva está fortemente ancorado na Teoria da Mente, uma vez que exige do falante a representação do estado mental do interlocutor e sua possível reação ao conteúdo implícito. Assim, a partícula **mas** ativa uma inferência compartilhada que articula a surpresa, a oposição e a expectativa comunicativa.

Imagem 3 – exemplo de uso de PM **mas** em um meme.

“Mas você **nem** está vendo o filme”

Eu: To sim



Fonte: autoria desconhecida.

A partir da análise dos exemplos anteriores, apresentamos uma proposta de classificação da PM **mas** em língua portuguesa a partir do modelo do Formato Descritivo, que tem o objetivo de descrever resumidamente o uso modal desta palavra a partir de suas características sintáticas, semânticas e pragmáticas:

Quadro 1 – Descrição de *mas* em frases interrogativas e declarativas.

mas	Partícula Homônimo: conjunção	Modal
Propriedades Sintáticas	Partícula modal Posição inicial da frase	
Contexto	Situação que viola uma expectativa do falante.	
Função comunicativa	Relação adversativa entre o pretexto pragmático e a situação comunicativa.	
Significado	Digo isso, pois quero mostrar minha surpresa ou objeção sobre algo que considero estar implícito ou pressuposto.	
Exemplo de uso	<ul style="list-style-type: none"> - Mas que dia lindo! - Bernardo e Luísa estão assistindo a “O Gambito da Rainha”. Luísa fica bastante surpresa ao perceber que eles terminaram o último episódio: Mas já acabou? (Aquino; Kahil, 2022) 	

Fonte: da autora.

O esquema descreve a PM **mas** nos tipos específicos de frases em que ocorre (interrogativa e declarativa), ressaltando que sua função modal pode estar associada a atos de fala diretivos. Em sentenças interrogativas, esse valor é mais evidente, como nos pedidos indiretos (ex.: “Mas você não vai me ajudar?”). Já em sentenças declarativas, embora a estrutura aparente seja assertiva, o uso de **mas** pode conferir força diretiva, especialmente quando reforça exigências, advertências ou ordens implícitas (ex.: “Mas você precisa sair agora”). Nesses casos, o falante não apenas

informa, mas orienta o comportamento esperado do interlocutor, o que caracteriza o ato como diretivo.

A segunda categoria é a função básica central (adversativo) compartilhada por todas as variantes desta partícula, também seu heterônimo em outras categorias de palavras (conjunção). Na linha abaixo, a categoria da palavra, ou tipo de construção (Partícula Modal), e sua posição sintática são especificados (posição inicial da frase). Em seguida, o contexto de uso é descrito, uma descrição mais detalhada da função nuclear. A paráfrase de significado corresponde à intenção/expectativa da falante no contexto do discurso ao qual a proposição do enunciado está relacionada, ou o significado pragmático (Estou surpresa com o que está acontecendo, a situação é contraditória ou confusa para mim). A última linha contém um exemplo retirado de um corpus de linguagem escrita autêntica.

A investigação da PM **mas** e sua contrapartida em outras línguas, como *aber*, *pero* e *but*, revela que sua função comunicativa vai além de uma simples relação adversativa entre proposições, já que, estas palavras modalizam a interação, indicando uma adversidade por meio de uma quebra de expectativa, que geralmente tem o significado de surpresa, ironia, irritação e contradição. A partir dos exemplos investigados, evidencia-se que a compreensão e a interpretação das PMs dependem fortemente do contexto em que são usadas, especialmente no que diz respeito às inferências pragmáticas. Assim, na tentativa de categorizar a PM **mas** em português, destacamos as suas importantes características distintivas nos campos semânticos, sintáticos e pragmáticos, evidenciando sua relevância na construção de significados implícitos e na expressão de atitudes e intenções comunicativas.

5 Conclusão

Este artigo apresentou uma proposta de categorização para o uso modal da palavra **mas** no português brasileiro, com base em sua função pragmática e força ilocucionária, a partir do modelo de análise das PMs da língua alemã. Por meio de uma

análise contrastiva com os equivalentes *aber*, *pero* e *but* em alemão, espanhol e inglês, argumentamos que **mas**, em certos contextos, desempenha papel semelhante ao das PMs, especialmente na sinalização de uma quebra de expectativa, surpresa, objeção ou ironia.

A abordagem adotada, baseada na Abordagem Minimalista e na Teoria da Mente, permitiu destacar como **mas**, em enunciados interrogativos e declarativos, pode funcionar como operador de atos de fala diretivos, interferindo na força ilocucionária do enunciado e orientando a interpretação do interlocutor. Observamos, com base em exemplos autênticos de uso em redes sociais, que **mas** pode ser empregado em contextos em que expressa julgamento avaliativo, crítica implícita ou posicionamento afetivo diante de uma situação inesperada, sem atuar como mera conjunção adversativa.

Com o apoio do Formato Descritivo adaptado foi possível delimitar traços formais, posicionais e funcionais do uso modal de **mas**, distinguindo-o de seu homônimo não modal e dos marcadores do discurso. Tal distinção reforça a necessidade de ampliar os estudos sobre categorias funcionais na língua portuguesa, com atenção especial àquelas que operam no plano ilocutório e pragmático do discurso.

Concluimos que, embora o português brasileiro não disponha de uma classe gramatical rigidamente codificada de PMs como o alemão, existem elementos — como o **mas** analisado — que exercem funções equivalentes no nível comunicativo. A análise contrastiva entre línguas tipologicamente distintas mostrou-se frutífera para revelar similaridades funcionais e apontar para uma reavaliação das categorias linguísticas em português, particularmente no que se refere à interface entre sintaxe, semântica e pragmática.

Estudos futuros podem ampliar o escopo desta investigação para outras palavras candidatas à categorização como PMs no português, assim como explorar as manifestações prosódicas e multimodais dessas partículas no uso real da língua. Tais

pesquisas são fundamentais para o desenvolvimento de uma tipologia funcional mais precisa das estratégias modais e interacionais no português e em outras línguas românicas.

Referências

ABRAHAM, W. Discourse particles in German: how does their illocutive force come about? In: ABRAHAM, W. (ed.). **Discourse particles: descriptive and theoretical investigations on the logical, syntactic, and pragmatic properties of discourse particles in German**. Amsterdã: Johns Benjamins, 1991. p. 203-252. DOI <https://doi.org/10.1075/pbns.12.08abr>

ABRAHAM, W.; LEISS, E. (ed.) **Modality and Theory of Mind Elements Across Languages**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012. DOI <https://doi.org/10.1515/9783110271072>

AQUINO, M. O processamento das partículas modais alemãs em tarefas de pós-edição. **Pandaemonium Germanicum**, São Paulo, Brasil, v. 20, n. 30, p. 65–85, 2017. DOI <https://doi.org/10.11606/1982-8837203065>

AQUINO, M. O ensino das partículas modais alemãs: estratégias didáticas em ALE. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, 20. Jg., S. 131-161., 2020. DOI <https://doi.org/10.1590/1984-6398201914637>

AQUINO, M. Das sieht ja ganz anders aus, wie fühlst du dich denn? Teaching Modal Particles ja and denn with the Queer Eye Germany series: a didactic model based on a Descriptive Format. **Pandaemonium Germanicum**, 26. Jg., Nr. 49, S. 170-195, 2023a. DOI <https://doi.org/10.11606/1982-88372649170>

AQUINO, M. A description of the pragmatic function of *mas* and *aí* in Brazilian Portuguese: analysis on the functional equivalents of German Modal Particles. **Diálogo das Letras**, [S.l.], v. 12, p. e02304, 2023b. DOI <https://doi.org/10.22297/2316-17952023v12e02304>

AQUINO, M.; ARANTES, P. C. Partículas modais em alemão e seus equivalentes funcionais em português brasileiro: proposta de análise e classificação para o uso. **Pandaemonium Germanicum**, São Paulo, Brasil, v. 23, n. 40, p. 166–190, 2020. DOI <https://doi.org/10.11606/1982-88372340166>

AQUINO, M.; KAHIL, T. As partículas modais *Mas* e *Aí* pela perspectiva de falantes do português brasileiro: uma investigação da linguagem em uso. **Confluência**, p. 172-198, 2022. DOI <https://doi.org/10.18364/rc.2022n63.532>

AUSTIN, J. L. **How to Do Things With Words**. Cambridge (Mass.). Paperback: Harvard University Press, 1962. DOI <https://doi.org/10.2307/3326622>

CUENCA, M. J. The fuzzy boundaries between discourse marking and modal marking. *In*: DEGAND, L.; PIETRANDREA, P.; CORNILLIE, B. (org.). **Discourse markers and modal particles: categorization and description**. Amsterdã: John Benjamins, 2013. p. 191 - 216. DOI <https://doi.org/10.1075/pbns.234>

DA SILVA FORTES, F. **Os marcadores discursivos no latim**: considerações pragmáticas e textuais sobre as preposições, interjeições e conjunções latinas em Donato e Prisciano. 2008. Dissertação. (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Departamento de Letras Clássicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2008.

DO NASCIMENTO, L. G. Modais e modalidade na comunicação lingüística. **Lingua e Literatura**, n. 9, p. 249-260, 1980.

DEGAND, L.; CORNILLIE, B.; PIETRANDREA, P. Introduction. Discourse markers and modal particles: Two sides of the same coin?. *In*: DEGAND, L.; CORNILLIE, B.; PIETRANDREA, P. (org.). **Discourse markers and modal particles. Categorization and Description**. Filadélfia: John Benjamins, 2013. p. 1-18. DOI <https://doi.org/10.1075/pbns.229.01deg>

DIEWALD, G. Same same but different: modal particles, discourse markers and the art (and purpose) of categorization. *In*: DEGAND, L.; PIETRANDREA, P.; CORNILLIE, B. (ed.). **Discourse markers and modal particles: categorization and description**. Amsterdã: John Benjamins, 2013. p. 19-46. DOI <https://doi.org/10.1075/pbns.234.02die>

DIEWALD, G.; KRESIĆ, M.; BATINIĆ, M. A. A format for the description of German modal particles and their functional equivalents in Croatian and English. *In*: CHIARA, F. I; SANSÓ, A. (ed.). **Pragmatic Markers, Discourse Markers and Modal Particles: New Perspectives**. Amsterdã: John Benjamins, 2017. p. 230-254. DOI <https://doi.org/10.1075/slcs.186>

DUDEN. **Grammatik der deutschen Gegenwartssprache**. Mannheim: Bibliographisches Institut, 2016. DOI <https://doi.org/10.37307/j.2198-2430.1997.02.17>

HASELOW, A. Discourse marker and modal particle: the functions of utterance-final then in spoken English. **Journal of Pragmatics**, Amsterdã, v. 43, p. 3603 - 3623, 2011. DOI <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2011.09.002>

HENGVELD, K.; MACKENZIE, L. **Functional Discourse Grammar**: a typologically-based theory of language structure. Oxford: University Press, 2008.

FIGUEIREDO, G. Uma descrição sistêmico-funcional dos marcadores discursivos avaliativos em português brasileiro: a gramática das partículas modais. **ALFA: Revista de Linguística**, 59(2), 281-307. 2015. DOI <https://doi.org/10.1590/1981-5794-1504-3>

FRANCO, A. Partículas modais do português. **Revista da Faculdade de Letras do Porto Línguas e Literatura**, Porto, II série, n. 7, p. 175-196, 1990.

GILI GAYA, S. **Curso superior de sintaxis española**. Barcelona: Vox, 2002.

GUTT, E. A. Challenges of Metarepresentation to Translation Competence. *In*: FLEISCHMANN, E; SCHMITT, P. A.; WOTJAK, G. (ed). **Tagungsberichte der LICTRA** (Leipzig International Conference on Translation Studies). Stauffenberg: Tübingen, p. 77- 89, 2005. DOI <https://doi.org/10.1515/les-2012-0005>

HASELOW, A. Discourse marker and modal particle: the functions of utterance-final then in spoken english. **Journal of Pragmatics**, Amsterdã, v. 43, p. 3603 - 3623, 2011. DOI <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2011.09.002>

HELBIG, G. Lexikon deutscher Partikeln. 2.ed. **Leipzig**: Verlag Enzyklopädie, 1990. DOI <https://doi.org/10.1515/9783110217971.fm>

HENTSCHEL, E.; WEYDT, H. **Handbuch der deutschen Grammatik**. v. 4. Berlim: De Gruyter, 2013. DOI <https://doi.org/10.1515/9783110312973>

JOHNEN, T. Aí como partícula modal do português. *In*: Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística, n.1., 1997, Salvador, Instituto de Letras da

Universidade Federal da Bahia. **Anais:** Abralín, 1997. p. 4–10. DOI <https://doi.org/10.13140/2.1.3855.3283>

KRESIĆ, M.; BATINIĆ, M. **Modalpartikeln:** Deutsch im Vergleich mit dem Kroatischen und Englischen/Modalne čestice: njemački jezik u usporedbi s hrvatskim i engleskim. 1. ed. Zadar: Sveučilište u Zadru, 2014.

LEVINSON, S. C. **Pragmatics.** Cambridge: Cambridge University Press, 1983. DOI <https://doi.org/10.12691>

PALMER, F. R. **Mood and Modality.** Cambridge: Cambridge University Press, 1986. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9781139167178>

SCHENNER, M.; SODE, F. Modal particles in causal clauses: The case of German weil wohl. In: ABRAHAM, W.; LEISS, E. (ed.). **Modes of Modality:** Modality, typology, and universal grammar. Studies in Language Companion Series 49, p. 291–314, 2014. DOI <https://doi.org/10.1075/slcs.149>

SCHOONJANS, S. **Modalpartikeln als multimodale Konstruktionen:** Eine korpusbasierte Kookkurrenzanalyse von Modalpartikeln und Gestik im Deutschen. Berlin: De Gruyter, 2018. DOI <https://doi.org/10.1515/9783110566260>

SEARLE, J. **Speech acts.** Cambridge: CUP, 1969. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9781139173438>

STOLT, B. Ein Diskussionsbeitrag zu mal, eben, auch, doch aus kontrastiver Sicht (Deutsch-Schwedisch). In: WEYDT, H. (org.). **Die Partikeln der deutsche Sprache.** Berlin: Walter de Gruyter, 1979. DOI <https://doi.org/10.1515/978311086357>

SPERBER, D.; WILSON, D. **Teoria da Relevância.** Linguagem em (Dis)curso, Tubarão, v. 5, esp., p. 221 - 268, 2005.

TRAUGOTT, E. C. **Discourse structuring markers in English.** Amsterdam: John Benjamins, 2022. (Constructional Approaches to Language, v. 29). DOI <https://doi.org/10.1075/cal.29>

WALTEREIT, R; DETGES, U. Different functions, different histories: modal particles and discourse markers from a diachronic point of view. **Catalan Journal of Linguistic**, Barcelona, p. 61-80, 2007. DOI <https://doi.org/10.5565/rev/catjl.124>

VERSCHUEREN, J. The pragmatic perspective. *In*: J. VERSCHUEREN, J; ÖSTMAN, O.; BLOMMAERT J. (ed.), **Handbook of pragmatics manual**, p. 1–19. Amsterdã: John Benjamins. 1995. DOI <https://doi.org/10.1075/hop.m>

WELKER, H. **As partículas modais no alemão e no português e as equivalências de aber, eben, etwa e vielleicht**. 1990. Dissertação (Mestrado em Língua Alemã) – Departamento de Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 1990.

WEYDT, H.; HARDEN, T.; HENTSCHEL, E.; RÖSLER, D. **Kleine deutsche Partikellehre**: ein Lehr- und Übungsbuch für Deutsch als Fremdsprache. Stuttgart, 1983. DOI <https://doi.org/10.1515/infodaf-1984-115-6100>